
OS QUATRO CAVALEIROS DO APOCALIPSE: A DESCONSTRUÇÃO DE UM MITO*

Antonio Lopes Ribeiro**

Resumo: os Quatro Cavaleiros do Apocalipse é sem dúvida uma das mensagens Bíblicas mais intrigantes, pelo simbolismo que encerra. A história tratou de destacá-los da Bíblia, transformando-os num mito que recebeu diversas interpretações ao longo dos séculos. O mesmo foi imortalizado pela arte pictórica, pela literatura e pelo cinema. O presente artigo refere-se a uma desconstrução desse mito, adotando-se como metodologia o “modelo conflitual”, a fim de descortinar o que está por trás dos símbolos e conhecer a real mensagem que foi passada para as comunidades cristãs daquela época, podendo ser contextualizada com os dias de hoje.

Palavras-chave: Literatura apocalíptica. Mito. Símbolos. Cavaleiros. Desconstrução.

Assim como o Gênesis é a porta de entrada da Bíblia, que se inicia com a descrição cosmogônica da criação, relatada pelos sacerdotes do exílio Babilônico, tendo como figura central o próprio designer do universo, o Deus que cria “ex nihilo”, podemos dizer também que o Apocalipse é a porta de saída da Bíblia, em que é montado um grande palco, com um cenário espetacular, em que os personagens simbólicos são animais e pessoas que se misturam, entrando e saindo de cena a todo instante, com uma sonoplastia de arrear, com direito a trovoadas, terremotos e toques de trombetas, tendo como ponto máximo, a figura central mais importante desse drama que narra toda a história da humanidade (o antes, o durante e o depois),

o Cordeiro “como que imolado, mas de pé”, aquele que deu a vida para a salvar a humanidade, mas que se encontra vivo, pois venceu a morte na cruz, ressuscitando de corpo e alma, elevando consigo até o céu, nossa humanidade redimida.

Quem se ocupa em ler a Bíblia, muitas vezes omitem a leitura do Apocalipse por considerá-lo um livro enigmático, de difícil leitura e interpretação. Para muitos é um livro intocável, somente acessível a teólogos. Não são poucos os que fazem uma leitura conveniente, tirando dele passagens que justificam esta ou aquela atitude. Outros mais, o lêem por simples curiosidade, porém, ficam confusos, por não conseguir decifrá-lo. Há muita confusão quanto à sua leitura, em função de uma linguagem cifrada, codificada e simbólica que esse livro encerra. Mas, sem dúvida, o apocalíptico exerce uma “fascinação mórbida sobre a mente humana”. Facilmente esse livro “vai além das circunstâncias que lhe deram a luz”, pois sempre vemos pessoas ou grupos de pessoas “que predizem o fim do mundo sobre os túmulos de todas as predições anteriores” (MANNING, 2006, p. 177).

Esse livro escrito por volta do ano 95 d.C, tinha por finalidade o consolo e a exortação à perseverança na fé dos cristãos que estavam sofrendo com a perseguição do Império Romano, pelo fato de se negarem à adoração da imagem do imperador da época, Domiciano, a “besta apocalíptica” por excelência. O “Apocalipse é o livro da esperança cristã, é o livro da igreja militante, que agora sofre a paixão; mas que conseguirá, com perseverança, a vitória, passando a ser a Igreja triunfante de Cristo” (PEREZ, 1998, p. 147).

Faremos aqui um pequeno recorte, no qual enfocaremos o tema dos lendários cavaleiros, procurando desconstruir a simbologia que o texto encerra, a fim de verificar a mensagem que está por trás da mesma. Como ferramentas que nos auxiliarão nesta tarefa, apresentaremos a seguir, algumas pistas de uma leitura correta do Apocalipse, bem como o significado da simbologia típica desse livro, que esconde aos olhos dos romanos, a real mensagem a ser passada para as comunidades cristãs daquela época, que sem qualquer dúvida tem toda a sua validade para os dias de hoje.

O QUE É PRECISO SABER PARA UMA LEITURA CORRETA DO APOCALIPSE

Existem vários métodos sociológicos de leitura bíblica, no âmbito das Ciências da Religião. O que adotamos neste trabalho, é o “mode-

lo conflitual”, em cuja raiz está o da “leitura bíblica na ótica dos pobres”, um recurso metodológico “usado na América Latina e, mais particularmente, no Brasil” (FERREIRA, 2009, p. 48). A particularidade desse modelo reside no fato de olhar “a sociedade não tanto como unidade estrutural estável, mas como estrutura em tensão”. Outro fator importante desse modelo conflitual, que “parte de uma dinâmica da sociedade”, é que “ao contemplar os interesses das pessoas e dos grupos [...] leva a reconhecer a mudança e o conflito como fatores permanentes da sociedade”, lembrando que “toda sociedade de classes tem uma estrutura assimétrica e é aí que se situa a dinâmica conflitiva” (FERREIRA, 2009, p. 48). Isso nos faz recordar bons tempos de CEBs, em que cantávamos euforicamente com o coração numa mão e a razão na outra, aquela música no tempo da ditadura militar “na terra dos homens, pensada em pirâmide, os ricos em cima e os pobres na base”. Embora o tempo de ditadura tenha passado e vivamos numa sociedade dita democrática, a verdade é que mudaram-se os atores, mas o sistema piramidal continua, com ricos em cima e pobres na base, cuja situação não escapa aos conflitos sociais. Por certo, se todos fizessem uma leitura conflitual do Apocalipse, não haveria tanta confusão em sua difícil, porém, gratificante interpretação. É à luz desse método, portanto, que procuraremos desenvolver o presente trabalho.

Para se proceder a uma leitura correta sobre “Os quatro Cavaleiros do Apocalipse”, em primeiro lugar, se faz necessário conhecer o tipo de literatura da época em que foi escrito o livro no qual esse texto está contido, com suas características. Além de ser o último livro da Bíblia, o Apocalipse é o único livro profético do Novo Testamento. Apocalipse em grego significa “tirar o véu” ou “desvendar”. O livro é uma Revelação, da qual Jesus Cristo é ao mesmo tempo, autor e figura principal e central, para o qual converge toda a Revelação referente ao passado, presente e futuro, pois Ele é o vértice de tudo o que está escrito na Bíblia.

É consenso no meio literário bíblico que existe mais de um autor do Apocalipse. Seja qual forem os autores, conservaremos o nome de João, como autor e personagem desse livro. Perez (1998, p. 146), faz uma descrição no singular, de seu perfil: Trata-se de um escritor radicado no Oriente, “de grande fantasia, um profeta que vislumbra os destinos humanos num horizonte de eternidade, um vidente

apocalíptico que presencia o último acontecimento do mundo: o choque antagônico do bem e do mal”.

João usou como recurso metodológico um gênero literário que fazia parte daquela época: a apocalíptica desenvolvida entre os séculos II a.C a I d.C. do qual faz parte os livros de Daniel e Zacarias³, além de outros escritos apócrifos. É muito importante para o leitor que esteja ciente de que esse livro tem forte conotação político-religiosa, pois os escritos apocalípticos são caracterizados por uma visão pessimista da história, “que se divide em duas grandes eras ou períodos, o presente ruim e o futuro ideal”. As catástrofes neles descritas, que afetam todo o universo, precedem “o estabelecimento do Reino de Deus no mundo” (ALFARO, 2002, p. 11); possui Raízes no Antigo Testamento; o livro foi escrito para aquela época, num momento de muita perseguição, de opressão, de sofrimento e “certo pessimismo do povo de Deus”; tinha por objetivo suscitar no povo a “lealdade, virtude, coragem, fé e esperança em meio aos problemas presentes”; e tinha como método o uso de símbolos, apresentando-se “na forma de relato de visões para revelar sua mensagem do modo mais impressionante possível, ao mesmo tempo em que ocultava seu significado dos não iniciados na sua linguagem” (PESTANA, 2002, p. 188).

Os textos apocalípticos têm caráter revolucionário e subversivo, pois se trata de uma crítica velada ao opressor do momento (no caso do Apocalipse, o Império Romano, cujo imperador no ano em que o livro foi escrito, era Domiciano, perseguidor implacável das primeiras comunidades cristãs). Em função disso, seus autores utilizavam uma linguagem simbólica, altamente figurativa, decifrável apenas por quem a mensagem era endereçada. Isso de certa forma driblava os espiões, os olheiros e os dedos-duros a serviço do império romano. Havia várias razões para o uso da linguagem simbólica pelos autores, dentre as quais, se destacam: “a. Ocultar dos estranhos e revelar aos iniciados; b. Impressionar e causar um efeito dramático e emocional; c. Dirigir a obra à imaginação (não à razão); d. Descrever o indescritível; e. Ser ambíguo” (PESTANA, 2003, p. 394).

Para entender o Apocalipse, portanto, é preciso descobrir o que está por trás das palavras, dos símbolos. O Apocalipse está repleto de simbolismo. João usa e abusa dos símbolos na transmissão de acontecimentos, de ideias e sentimentos que de outra forma não poderiam

ser transmitidos, tendo em vista o contexto social da época, no qual os primeiros cristãos eram perseguidos pelo império romano. Desta forma, ele combina suas mensagens usando generosamente de uma linguagem simbólica “produzindo imagens muito ricas, mas impossíveis de visualizar concreta e fisicamente; os detalhes de uma visão não devem ser considerados em isolamento nem visualizados”. A pretensão do autor apocalíptico era apresentar de alguma forma “o inimaginado para nos sugerir a grandiosidade do divino” (ALFARO, 2002, p. 34). Assim, ao seguir uma tradição de gênero apocalíptico já presente no Antigo Testamento, principalmente no livro de Daniel, João lança mão de uma linguagem simbólica envolvendo elementos da natureza, números, cores, sons, objetos e animais, para levar a mensagem de Deus ao seu povo perseguido pelas forças do mal.

SIMBOLOGIA NO APOCALIPSE

Por sua capacidade de construir símbolos, pode-se afirmar que o ser humano é um ser simbólico. Tudo aquilo que produz está de alguma maneira impregnado de simbolismo e isso o diferencia dos animais irracionais. Croato (2001, p. 84) define o simbolismo como algo que “implica em uma função social de comunicação, mas antes disso, ou ao mesmo tempo, em uma vivência”. Assim, o ser humano em suas experiências cotidianas, está continuamente a produzir símbolos, na linguagem, no amor ou na arte, elementos estes por ele denominados de sistemas simbólicos, aos quais se associa o sistema religioso, que ocupa lugar especial.

Símbolo vem do grego *sum-ballo* ou *sym-ballo*, que significa juntar, associar. Seu contrário é o *dia-ballo* (diabo), separar. A função do símbolo é a junção (união) de dois elementos que embora separados, se evocam, se iluminam, se complementam mutuamente (CROATTO, 2001; CRB, 1996). De acordo com o CEBI (2008, p. 108), o símbolo “é uma maneira especial de ler a realidade”, pois o mesmo “revela uma dimensão mais profunda que a olho nu não se vê”. Ao juntar dois elementos separados, “por essa junção, iluminam-se mutuamente”.

Entender o que seja o símbolo é importante, no que se refere à leitura do Apocalipse, porque o mesmo “é uma chave para ler a realidade de outra maneira. Revela uma dimensão mais profunda que a olho nu não se vê” (CRB, 1996, p. 137)⁴. O símbolo apocalíptico pode

apresentar mais de um aspecto ou valor, sendo em função disso ambivalente ou plurivalente, ou seja, refere-se a duas ou mais coisas ao mesmo tempo. A ideia que se tem de tirar do símbolo é que o mesmo “costuma ser simples”, não perdendo “de vista que podemos achar dois símbolos para uma mesma ideia, e duas ideias para o mesmo símbolo”, sendo mais prudente fixarmos “o olhar na ideia luminosa, que envolve todos os símbolos, isto é, Cristo vendedor” (PEREZ, 1998, p. 146).

A força do símbolo “está na capacidade de evocar e desvendar” (CEBI, 2008, p. 108), despertando a criatividade e a subjetividade da pessoa. O valor do símbolo reside muito mais pela ação que provoca na pessoa, do que por aquilo que comunica. Muitas vezes as pessoas nem percebem a atuação dos símbolos sobre si, pois “a máquina de propaganda do império, tanto o romano de ontem quanto o capitalista de hoje, faz passar os seus interesses por meio de símbolos” veiculados por todos os meios ao seu alcance (CEBI, 2008, p. 109), seja, “veiculados pela cultura, pelos costumes, pela religião, pelo comércio, pelos meios de comunicação” (CRB, 1996, p. 138). Graças à capacidade daquele povo em entender o que estava por trás dos símbolos apocalípticos, “aos poucos, a natureza e os elementos do universo deixavam de ser o santuário dos falsos deuses da ideologia dominante”, dando lugar a uma vida nova cuja “organização social, política e religiosa já não eram mais o domínio do império romano” (CRB, 1996, p. 138-139). Aquele povo perseguido, sofrido e humilhado, passou a ser o sujeito de sua própria história e não mais os opressores da época.

Ao fazer a leitura do Apocalipse, portanto, há de se cuidar para não se enveredar na trilha daqueles que dele fizeram uma leitura literal, fundamentalista, eclodindo em falsas interpretações. Consoante Manning (2005, p. 177), “os símbolos estão sempre vulneráveis às mentes excessivamente literais, e as imagens soberbas do apocalipse parecem mais predispostas a serem tomadas literalmente do que quaisquer outras”, sem contar que há ainda uma tendência “de tomar o apocalipse com seriedade excessiva”. Finalmente, quaisquer distorções que possa advir de uma determinada interpretação apocalíptica, para esse autor, “se deve mais à doença da mente humana do que a qualquer falha no apocalipse em si.”

DESCONSTRUÇÃO DE UM MITO

Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse, juntamente com seus cavalos, correspondem aos quatro primeiros selos de um dos cinco setenários que compõem o Apocalipse. A história cuidou de destacá-los daquele livro, como se fosse uma história em particular, transformando-o num mito que ao longo dos séculos foi motivo de diversas interpretações. Por todas as desgraças que anunciam, os quatro cavalos e cavaleiros sempre foram vistos como sinal do fim do mundo e durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), muitas seitas protestantes acreditaram ter chegado o fim (ALFARO, 2002, p. 64).

Na arte pictórica, os quatro Cavaleiros do Apocalipse foram imortalizados por Albrecht Dürer, em sua xilogravura datada de 1498, na qual se destaca o cavaleiro com um braço levantado, com uma espada na mão. Na arte literária, o romancista espanhol Ibanez Blasco (1867-1928) escreveu sua obra “Os quatro cavaleiros do apocalipse” (1916), inspirado justamente no título da xilogravura de Dürer, tendo como tema a Primeira Guerra Mundial (da qual o autor participou), em que descreve as visões de mundo entre França e Alemanha, no drama familiar em que dois primos lutam em lados opostos naquela guerra. Posteriormente essa obra de Ibanez foi adaptada para o cinema, com um filme de mesmo nome, estrelado primeiro no cinema mudo por Rudolf Valentino, em 1921 e depois no cinema falado, em refilmagem de 1962, que teve como ator principal Glenn Ford. Em 1975, já na reta final da febre do *spaghetti western* (a versão italiana dos faroestes), o diretor Lucio Fulci lançou sua versão de “Os quatro cavaleiros do Apocalipse”, com um ator medíocre de nome Fábio Testi.

Os quatro cavaleiros mencionados por João em Ap 6,1-8, sob uma perspectiva de leitura conflitual, se apresentam como uma forte crítica à situação sociológica, política e ideológica da Pax Romana. Existe de um lado uma situação de perseguição, de opressão, de morte, na qual o mal personificado no império romano aparentemente está vencendo, porém, de outro lado, o autor do Apocalipse quer mostrar que essa situação vai mudar, pois Deus está do lado dos perseguidos, dos oprimidos, dos injustiçados e isso João mostra numa visão profética, em relatos cheios de símbolos, numa linguagem simbólica, cifrada, inteligível apenas para seus reais destinatários.

A exemplo do Apóstolo Paulo, que para construir seus textos recorria a expressões que faziam parte da “linguagem cultural Greco-romana” de sua época, João também utiliza desse artifício para ilustrar a cena na qual descreve a visão dos quatro cavaleiros (CHEUCHE,

1995, p. 34). As previsões escatológicas anunciadas pelos quatro cavaleiros encontram-se também nos evangelhos sinóticos (Mc 13; Mt 24; Lc 21), como anúncios de “guerra, de conflitos mundiais, de tremores de terra, de fomes, de perseguições e de perturbações celestes” (PRIGENT, 2002, p. 128). Isso demonstra haver um paralelismo entre esses textos, a que João recorre para ilustrar o cenário a partir do qual irá descrever suas visões desses quatro cavaleiros extraordinários, revestidos de toda uma simbologia, por trás da qual se encontra a mensagem que queria passar ao povo da época. A desconstrução do mito que se criou em torno desses cavaleiros é aqui entendida como um desvelar o que está por trás dos símbolos que o texto apocalíptico apresenta. Não temos qualquer pretensão de fazer aqui, uma “desmitologização” ou “desmistificação” ao estilo bultmanniano e em função disso, optamos por usar o termo desconstrução, melhor entendido como desmontar um quebra-cabeça.¹⁶ A seguir, continuaremos nossa ‘desconstrução’ (já começada na introdução), descrevendo os quatro cavaleiros, com seus respectivos cavalos, bem como a missão dada a cada um, com toda a simbologia presente em cada uma das quatro descrições apocalípticas, com seus correspondentes significados.

A ABERTURA DOS SELOS

O livro dos selos, que está nas mãos do Cordeiro, o único digno de abri-lo, é o livro da história. O objetivo do autor do Apocalipse é mostrar à comunidade perseguida que a perseguição que lhes é infringida por parte do império romano, faz parte do projeto de Deus, estando, portanto, sob seu controle (CEBI, 2008, p. 117). O setenário dos selos refere-se à visão celeste de João, cuja retirada dos lacres, revela as forças que configuram quatro momentos históricos distintos. São quatro etapas do Projeto de Deus: passado, presente, futuro e o juízo final. Os quatro primeiros selos referem-se ao passado, que engloba um período que vai do ano 33 d.C. (morte de Cristo) ao ano 95 d.C. (império de Domiciano) (Ap 6,1-8); o 5º selo refere-se ao presente (ano no qual foi escrito o Apocalipse), ano 95 d.C. (Ap 6,9-11); o 6º selo refere-se ao futuro (Ap 6,12-17); o 7º e último selo refere-se ao fim dos tempos, ao Dia de Javé, o juízo final, momento em que toda a humanidade será julgada (Ap 8,1s) (MESTERS; OROFINO, 2003, p. 186-187). Essa foi a maneira encontrada por João de clarear a

mente do povo, ao apresentar “a história em sete etapas ou sete selos, desde o ano 33 até o fim dos tempos”, ajudando “as comunidades perseguidas a se situar dentro da história” (MESTERS; OROFINO, 2002, p. 107).

Como nos propusemos à desconstrução de um mito apocalíptico, nos ateremos aqui apenas à abertura dos quatro primeiros selos, que corresponde à realidade vivida pelos cristãos perseguidos, em que o autor utiliza desse artifício simbólico para incentivá-los a continuar a luta, mantendo-se firmes, pela fé no Ressuscitado.

A abertura dos quatro primeiros selos obedece quatro vezes a uma mesma sequência: a abertura do selo pelo Cordeiro; a invocação com voz firme, estrondosa (que evoca a criação), “Venha!”, por parte de um dos quatro seres viventes; a aparição de um cavalo de determinada cor, montado por um cavaleiro portando alguma coisa (exceto o quarto cavaleiro, que não porta nada, sendo também o único a ter um nome); a missão de poder, dada ao cavaleiro. Como vimos anteriormente, esse setenário dos selos é carregado de simbolismos. A seguir, uma descrição daqueles símbolos que são comuns aos quatro cavaleiros.

OS SÍMBOLOS COMUNS AOS QUATRO SELOS

O Cordeiro. Esta palavra aparece no livro do Apocalipse 37 vezes e em toda a Bíblia, 119 vezes. O cordeiro possui múltiplos simbolismos na Bíblia. No AT era a vítima preferida. Também no NT, Jesus é o “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29) e também ao final do Evangelho de João, Jesus “é o cordeiro que morre sacrificado na cruz na mesma hora em que os cordeiros pascais eram sacrificados no templo” e nos evangelhos sinóticos, Jesus é apresentado como “o cordeiro que vai para sua paixão como vítima inocente e calada” (ALFARO, 2002, p. 57). No Apocalipse, esse símbolo ganha uma nova conotação, pois já não aparece mais como vítima, mas como vencedor. Em Ap 5,1-14, Jesus é apresentado pelo Cordeiro pascal que morreu (como que imolado), mas ressuscitou, pois está “de pé” (vivo). O Cordeiro “tinha sete chifres e sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus” (v. 6), ou seja, tem a plenitude (sete) do poder (chifres), a plenitude do Espírito de Deus, pois vê e conhece (olhos) toda a história; é o único que pode abrir o livro (retirar os selos); com o Pai, é digno de sete

atributos (o imperador só tinha cinco): poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor.

Os números são os elementos simbólicos mais constantes no Apocalipse. O número 7 aparece 470 vezes em toda a Bíblia, sendo que no Apocalipse aparece 51 vezes. Indica totalidade, plenitude. O número 7 é a composição dos números 3 e 4, indicando plenitude, perfeição, totalidade (Ap 1,4). O número três é o número de Deus que na língua hebraica compõe o superlativo Três vezes Santo, que significa santidade (Ap 4,8) e o número quatro, é um número cósmico que se refere aos quatro cantos da terra (Ap 4,6; 7,1; 20,8), significando também o número dos elementos do universo, terra, fogo, água e ar. Desse número também se origina a palavra quadrangular (Ap 21,16), que é sinal de plenitude e perfeição. Quatro também são os seres vivos, que indicam os “seres mais fortes que presidem ao governo do mundo físico”, indicando de igual modo os “quatro elementos que formam o ser humano: touro (instinto), leão (sentimento), águia (intelecto), homem (rostro)”. A associação desses quatro elementos “formavam o ser mitológico da Babilônia, chamado Karibu ou Querubim, e a Esfinge do antigo Egito”, além de evocar “as visões de Isaías (Is 6,2) e, sobretudo, de Ezequiel (Ez 10,14 e 1,10)” (CRB, 1996, p. 141). Quatro também são os cavalos e cavaleiros do Apocalipse.

Cavalo. O simbolismo do cavalo na Bíblia “costuma ser sinal do poder opressor [uma arma de guerra] que vem correndo, arrasando com tudo (Sl 20,8; 76,6; 147,10)” (MESTERS; OROFINO, 2003, p. 187).

Venha! Esse grito evoca a palavra criadora de Deus que “chamava as criaturas e elas vinham, se apresentavam e começavam a existir” e no Apocalipse, essa invocação “venha” refere-se ao começo de uma nova criação, ou seja, é o “efeito da vitória de Jesus no céu [que] já está começando a revelar-se na desintegração progressiva da antiga criação cá de baixo, marcada pela injustiça e pelo sofrimento” (MESTERS; OROFINO, 2003, p. 187).

Cores. Ao conjunto das cores que aparecem no Apocalipse, diversos autores denominam-no de cromatismo. As cores fazem parte do cotidiano de nossas vidas. Para muitas pessoas as cores vão além da sensação visual que provoca, pois encerram um significado especial que vai além do gosto ou da estética. Uns preferem uma cor à outra, por evocarem algo a ela relacionado. Nem sempre são motivados

pela cor em si, mas por um significado maior que está por trás da mesma. Esse é o sentido da simbologia que envolve as cores. Seu significado, porém, pode variar de uma cultura para a outra. O luto, por exemplo, que para nós, os Ocidentais, é simbolizado pela cor preta, na China é simbolizado pelo branco.

O PRIMEIRO CAVALEIRO

“Vi quando o Cordeiro abriu o primeiro dos sete selos. E ouvi o primeiro dos quatro Seres vivos falar como estrondo de trovão: ‘Venha!’. Vi então quando apareceu um cavalo branco. O cavaleiro tinha um arco, e deram para ele uma coroa. Ele partiu, vitorioso e para vencer ainda mais” (Ap 6,1-2).

Por ter em mãos uma arma de guerra, o primeiro cavaleiro é “uma força negativa, geradora de morte” (BORTOLINI, 2008, p. 59). Tanto a cor do cavalo como a coroa são símbolos da vitória. O arco simboliza o poder dos exércitos. Devido à simbologia da cor branca desse primeiro cavalo e pelo fato de o mesmo vir montado por um “cavaleiro triunfante invencível”, muitos o atribuí a Cristo, mas ao contrário do que pensam, não se trata de Cristo pois até aquele momento Ele é o Cordeiro pascal sacrificado, vindo a aparecer somente no capítulo 19, versículo 11, de forma triunfante e invencível montado num cavalo branco. Na realidade, esse primeiro cavaleiro com toda probabilidade simboliza o Anticristo, “que continua vitorioso até que Cristo venha desarmá-lo (Ap 19,11-21); por isso, ele está vestido de branco, como Cristo, a quem procura imitar (cf. Ap 13,1-19): é o lobo em pele de cordeiro” (ALFARO, 2002, p. 64) e sua invencibilidade aparente é apenas por algum tempo, pois seu poder é limitado por Deus.

Os personagens desse primeiro selo, o cavalo branco e seu cavaleiro, portador de um arco, remete aos partos, cujo império rivalizava com o de Roma. Os partos eram conhecidos como criadores de cavalos brancos, “chamados de ‘feras da terra’ (cf. 6,8)”, e tinham como arma de guerra o arco. Os partos tinham a pretensão de conquistar tudo pela força, sendo por isso o “símbolo da ganância” e eram “ameaça constante para os romanos” (BORTOLINI, 2008, p. 59). João imaginava que “uma vitória maciça” contra Roma, por uma

força estrangeira como os “temidos partos na fronteira oriental, tal como a desfechou o rei Velogeso no ano 62 d.C., representaria [...] o fim do domínio romano, e a esperança de que se iniciaria o fim do tempo de adversidade para o cristianismo” (ARENS; MATEOS, 2004, p. 188). Assim, embora os partos fossem perigosos e temidos por todos, inclusive pelos cristãos perseguidos naquela época, no entanto estes viam neles uma esperança pela possibilidade que representavam, de uma derrota ao império romano. A mensagem de Jesus que João queria passar, escondida por trás desses símbolos, é que os cristãos perseguidos deveriam abrir os olhos a fim de descobrirem “que na origem de todas as relações sociais se instalaram a cobiça e o desejo de dominar” (BORTOLINI, 2008, p. 59).

O SEGUNDO CAVALEIRO

“Vi quando o Cordeiro abriu o segundo selo. E ouvi o segundo Ser vivo dizer: “Venha”. Apareceu então outro cavalo, era vermelho. Seu cavaleiro recebeu poder para tirar da terra a paz, a fim de os homens se matarem uns aos outros. E entregaram para ele uma grande espada” (Ap. 6,3-4).

O segundo cavaleiro, a exemplo do primeiro, tem também em mãos uma arma de guerra, uma espada, com a qual derrama sangue. O cavalo vermelho simboliza os “poderes hostis a Deus que desencadeiam guerras civis no seio dos povos e fazem que as pessoas se voltem contra seus próprios irmãos e se degolem mutuamente”. Muitas guerras civis haviam acontecido no Império Romano entre 41 d.C. e 69 d.C. Portanto, esse cavaleiro “por todos os símbolos que o acompanham, significa nitidamente a guerra e a violência na história (ARENS; MATEOS, 2004, p. 188).

A cor do cavalo vermelho se encaixa perfeitamente à realidade da época, em que pela força da espada os romanos espalhavam o terror, derramando sangue inocente, com a pretensão de impor a paz no mundo. A ‘pax romana’ “era uma paz de cemitério”, imposta goela abaixo sem qualquer oposição, porque qualquer sinal de reação poderia significar a perda da vida. Com a descrição do conjunto simbólico desse segundo selo, o Apocalipse critica fortemente a ‘pax romana’, de acordo com Bertolini (2008, p. 59) “dizendo que o segundo cavaleiro ‘tira da terra a paz’, pois se impõe pela violência, roubando

a liberdade dos povos e dominando-os”. Se o primeiro cavaleiro simboliza a ganância de poder, esse segundo é filho do primeiro, pois “a violência é filha da ganância”, enfim, são duas forças aliadas do mal que atuam juntas ao longo da história.

O que a mensagem apocalíptica quer mostrar é que uma sociedade fundada sob a ganância tem no alto da pirâmide os poderosos que esmagam os pobres, os pequenos. O segundo cavaleiro tem o poder de tirar a paz da terra, a fim de que os homens se destruam uns aos outros. Isso é o que acontece “quando se elege a ganância como princípio que regula as relações sociais, as pessoas se matam entre si para ter mais” (BORTOLINI, 2008, p. 59). João quer mostrar às comunidades daquela época que o império romano, a exemplo dos partos, “que se baseiam na força, no orgulho e na opressão, acabará vencido pela mesma espada”, pois toda força que não se baseia na justiça “acaba caindo por força das desordens por ela mesma criadas” e a justiça divina prevalece sem qualquer necessidade de mandar castigos, pois “os homens são castigados por sua própria maldade” (CASTRO, 1989, p. 86).

O TERCEIRO CAVALEIRO

“Vi quando o Cordeiro abriu o terceiro selo. E ouvi o terceiro Ser vivo dizer: “Venha!”. Apareceu então um cavalo negro. O cavaleiro tinha na mão uma balança. Ouvi uma voz que vinha do meio dos quatro Seres vivos, e dizia: “Um quilo de trigo por um dia de trabalho! Três quilos de cevada por um dia de trabalho! Não danifiquem o óleo e o vinho” (Ap. 6,5-6).

O cavaleiro desse terceiro selo, ao invés de uma arma (como os dois primeiros), traz na mão direita uma balança. A balança é símbolo do comércio. É um instrumento para pesar os alimentos. Tanto o cavalo preto, como o cavaleiro e a balança simbolizam a injustiça social da época. Simbolizam a fome e a carestia que normalmente assola a população pobre, em tempos de guerra.

A cor preta desse terceiro cavalo simboliza a fatalidade à qual estava destinado o povo sofredor e que não tinha o que comer. Mesters e Orofino (2003, p. 188), descrevem um duplo pano de fundo desse terceiro selo: “De um lado, é a terrível situação do povo durante o cerco de Jerusalém pelas legiões romanas no ano 70”. Do outro, “é

a luz que vem dos textos de Ezequiel sobre o cerco de Jerusalém por Nabucodonosor (Ez 4 e 5) e de alguns textos do Deuteronômio sobre o trigo, óleo e azeite”. A situação era penosa! Um denário, por um dia inteiro de trabalho e dava unicamente para comprar um litro de trigo.

A situação era de arrocho mesmo. João quer mostrar que o terceiro cavaleiro, juntamente com seu cavalo, são responsáveis por esvaziar o bolso do povo, arrochando “quem trabalha e não tem como defender a vida”. Isso é resultado da ganância que gera a violência, que por sua vez “provoca a exploração econômica [...] É o poder da balança”, desmascarada pela “denúncia profética (a voz que vem do meio dos 4 Seres vivos)” (BORTOLINI, 2008, p. 60). A escassez dos alimentos básicos do pobre, o trigo e a cevada, se dá pelo fato de que o imperialismo romano havia roubado “todas as terras dos povos conquistados, tornando o império o grande latifúndio do imperador”. Com isso, ao invés de plantar cevada e trigo para seu próprio sustento, o povo dominado produzia óleo e vinho para a capital romana. Isso fez com que o trigo e a cevada se tornassem produtos escassos, com um preço exorbitante. Desta forma, enquanto o rico se fartava com o supérfluo, o povo morria de fome. “Deixou-se de produzir para uma economia de sobrevivência (trigo e cevada) e o povo teve de trabalhar a terra do governo para exportar e sustentar os poderosos” (BORTOLINI, 2008, p. 59).

Mesters e Orofino (2003, p. 189), fazem a seguinte leitura sobre a mensagem que está por trás de toda a simbologia desse terceiro cavaleiro: em Ezequiel (4,9), encontramos uma situação semelhante, devido à infidelidade do povo de Deus. Trigo, vinho e azeite eram “sinal da abundância que Deus oferece ao seu povo (Dt 7,13; 11,14; 12,17; 18,4). Mas estas coisas iriam faltar, caso o povo não fosse fiel à lei de Deus (Dt 28,51)”. Verifica-se na descrição desse terceiro cavaleiro a falta dos alimentos básicos, enquanto “o óleo e o vinho ainda são preservados”. João quer mostrar que “o poder do opressor tem um limite e que Deus continua protegendo o seu povo”, afinal, basta uma carestia para mostrar toda a fragilidade de seu poder e o castigo do opressor “será tanto maior quanto mais sobrarem os bens supérfluos e mais faltarem os necessários, indicados pelo óleo e pelo vinho” (CASTRO, 1989, p. 86).

O QUARTO CAVALEIRO

“Vi quando o Cordeiro abriu o quarto selo. E ouvi o quarto Ser vivo dizer: ‘Venha!’ Vi aparecer um cavalo esverdeado. Seu cavaleiro era a Morte. E vinha acompanhado com o mundo dos mortos. Deram para ele poder sobre a quarta parte da terra, para que matasse pela espada, pela fome, pela peste e pelas feras da terra” (Ap. 6,9-10).

O quarto cavaleiro tem três coisas que o diferenciam dos primeiros: não porta qualquer arma nas mãos; é o único que tem um nome: “a morte” ou a “peste” e tem um acompanhante simbólico, “o Hades” (morada dos mortos), o que equivale dizer que esse cavaleiro é seguido por todos os poderes hostis ao projeto de Deus.

A cor esverdeada do cavalo por ele montado, é a cor de cadáver que apodrece, simbolizando a morte. Normalmente após as guerras e a fome que delas se resulta, seguem-se períodos de epidemia, pandemia, peste que muitas vezes levam à morte. É o que esse cavalo e cavaleiro, com seu companheiro de caminhada simboliza. Este cavaleiro encarna em si, como uma síntese, todos os outros três cavaleiros: a ganância (primeiro cavalo/cavaleiro), que gera a violência (segundo cavalo/cavaleiro), que por sua vez provoca a exploração (fome) (terceiro cavalo/cavaleiro) que leva à morte. No entanto, “a morte não terá a última palavra. Ela acaba com ¼ da humanidade (fração que denota parcialidade)” (BORTOLINI, 2008, p. 61), ou seja, seu poder é limitado. Porém, se de um lado “Deus limita as forças do mal, os cristãos estão chamados a fazer o mesmo. Se não eliminam o mal, têm pelo menos de se esforçar por debilitá-lo e tirar-lhe seus efeitos” (ALFARO, 2002, p. 65). Essa ‘companheira’ do quarto cavaleiro, que na realidade também acompanha todos os outros três, inspirou a “imagem da Morte personificada, montada num cavalo com foice na mão”, fazendo provavelmente uma “alusão às epidemias e mortandades ocorridas” (MESTERS; OROFINO, 2003, p. 189).

CONCLUSÃO

Após a desconstrução passo a passo até chegar à mensagem que o autor quis passar para a comunidade cristã daquela época, cujo texto car-

regado de simbologia resultou o mito dos quatro cavaleiros, como portadores de catástrofes que remetem ao fim do mundo, ao longo da história, a conclusão à qual chegamos é a de que não dá para fazer uma leitura correta do mesmo, sem considerarmos o período histórico ao qual se refere, não podendo ser destacado dos demais textos do Apocalipse, porque todos os capítulos desse livro formam um conjunto único. Este setenário dos selos “forma uma unidade profunda com o terceiro (o das trombetas) e o quarto (o das taças), confirmando desta forma a estrutura concêntrica do Apocalipse”, sendo que este apenas “antecipa a estrutura dos dois setenários que seguem, os quais, por sua vez, apresentam uma estrutura claramente paralela” em que cada selo que se abre, “revela uma visão celeste, [das forças que configuram a história, desvelando o seu significado profundo” (TUÑÍ; ALEGRE, 1999, p. 204).

Os quatro cavaleiros do Apocalipse portanto, só se complementam com a abertura dos três restantes selos: o quinto, representando o trono de Deus “transformado em templo celestial semelhante ao templo de Jerusalém” (ALFARO, 2002, p. 63), no qual as comunidades ao ouvirem o grito angustiado dos mártires que se encontram debaixo do altar, degolados que foram pelo testemunho da Palavra de Deus, clamando por justiça, reconhecem o tempo presente, o tempo de perseguição no qual estão vivendo, mas que em breve acabará, pois Deus não tarda com sua justiça que virá com o sétimo selo. Antes, porém, a abertura do sexto selo “lembra as previsões do capítulo 13 de São Marcos (Mc 13,24) e Mt 24,29)”, cuja narração “faz eco às descrições dos profetas sobre a chegada do Dia do Senhor” (ALFARO, 2002, p. 63) no Antigo Testamento (Is 34,4; 2,10.19; Os 10,8; Jl 2,11; 3,4), em que “tudo o que acontece está ligado à vinda de Deus. O futuro é desvendado. Os perseguidores fogem apavorados: reis, militares, magnatas, poderosos”, todos perdendo “o sentido da existência” e buscando “o impossível: escondem-se da face de Deus (Ap 6,16)”. É a descrição simbólica do fim do mundo, em que “o mundo de baixo se desintegra. O sol perde o brilho, a lua fica como sangue, as estrelas caí, o céu se enrola, as montanhas e as ilhas são removidas de seu lugar”. Desta forma, a antiga criação se desestabiliza “e começam as dores de parto da nova criação”. É a chegada do Dia de Javé e fica a pergunta no ar: “Nesse cataclisma universal, o que acontecerá com as comunidades? A resposta vem na visão do capítulo 7. A

resistência paciente e teimosa nas comunidades é a gestação da nova comunidade” (CEBI, 2008, p. 118).

A verdadeira mensagem apocalíptica que tentamos mostrar com essa desconstrução, serve para mostrar que “os selos ajudam o povo das comunidades a descobrir, dentro dos acontecimentos, as setas que apontam para a vitória final” (MESTERS; OROFINO, 2003, p. 189) e que “graças à ação dos símbolos, o povo cristão, embora fraco e perseguido, fazia uma leitura da realidade contrária à leitura que fazia o império. Uma leitura desmascarando a pretensão dos poderosos” (CEBI, 2008, p. 110).

O Apocalipse, se bem lido e interpretado, sempre terá seu valor para o nosso tempo. Ao contrário do que muitos pensam ou interpretam erroneamente, o Apocalipse foi escrito para aquela época, mas seus ensinamentos permaneçam até os dias de hoje, valendo, portando para os nossos dias, mas sempre em vista do que aconteceu naquela época. Sua mensagem, escondida atrás dos símbolos, é de uma riqueza tão grande, que muito tem a nos dizer nos dias de hoje, não eliminando, portanto, interpretações atualizadas dos quatro cavalos e dos quatro cavaleiros que os montam, pelo contrário, como diz Alfaro (2002, p. 65), “é bom que, em cada época, o homem reflita sobre quais são os cavalos [e os cavaleiros] do mal e que cores têm”.

Isso tudo leva-nos a afirmarmos que destacar apenas uma parte de um todo, sem conhecer os demais textos que com ele co-relacionam, é incorrer no erro de interpretações isoladas que nada tem a ver com o que é real, quando visto em todo o seu conjunto. Foi o que aconteceu com os Quatro Cavaleiros do Apocalipse, que ao longo da história transformou-se num mito, cujo significado se distancia muito do seu significado original.

THE FOUR KNIGHTS OF THE APOCALYPSE: THE DECONSTRUCTION OF A MYTH

Abstract: the Four Knights of the Apocalypse is undoubtedly one of the most intriguing messages of the Bible, because of the symbolism it holds. The history detached them from the Bible, transforming them into a myth that has received various interpretations over the centuries. This myth was immortalized in the pictorial art, literature and cinema. This article refers to a deconstruction of this myth, adopting the methodology of “conflictual model” in order to

uncover things behind the symbols and with the goal to know the real message passed to the Christian communities of that epoch. The message may be contextualized to the present day.

Keywords: *Apocalyptic literature. Myth. Symbols. Knights. Deconstruction.*

Notas

- ¹ O estilo apocalíptico também foi empregado por Jesus (Mc 13) e por outros autores do Novo Testamento (Ex: livro de Judas; At 2, 17-21).
- ² Por exemplo: Na linguagem simbólica na qual o Apocalipse foi escrito, quando o autor se refere ao Cordeiro, logicamente ele associa essa imagem à pessoa de Jesus à espera de que os cristãos daquela época, quando ouvissem a palavra “Cordeiro”, logo percebessem que se tratava de Jesus e não do animal em si. O símbolo tem, portanto, essa capacidade de evocar, de manifestar, de revelar aquilo que está oculto.
- ³ Quando criança, lembro-me bem de uma difícil adivinhação: “O que começa no fim e termina no princípio?” A resposta: linha de carretel. A costureira utiliza-a a partir da ponta (fim) até chegar ao seu final (princípio). É o que tentaremos fazer aqui, através de uma leitura conflitual, com o auxílio de alguns autores que escreveram sobre o Apocalipse, buscando todo o real significado que encerra a simbologia utilizada por João, para se safar dos espias e dos dedos-duros do império romano à época.
- ⁴ O império romano havia sofrido duras derrotas para os partos (que pareciam escorpiões), nas proximidades dos rios Tigre e Eufrates e embora fossem perigosos, naquele contexto em que os primeiros cristãos estavam vivendo, poderiam ser entendidos como enviados de Deus para derrotar o império romano, a favor dos pobres, dos oprimidos, dos perseguidos, a exemplo do que aconteceu com a libertação da escravidão no Império Babilônico, em que Ciro II, rei da Pérsia, foi considerado como um enviado de Deus para libertar os judeus.

Referências

- ALFARO, Juan Ignacio. *O Apocalipse em perguntas e respostas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- ARENS, Eduardo; MATEOS, Manuel Dias. *O Apocalipse: a força da esperança*. São Paulo: Loyola, 2004.
- BORTOLINI, José. *Como ler o Apocalipse: resistir e denunciar*. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- CASTRO, Flávio Cavalca de. *O Apocalipse hoje*. São Paulo: Editora Santuário, 1989.
- CHEUICHE, Antônio do Carmo. *Cultura e Evangelização*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- CEBI. *Evangelho de João e Apocalipse*. Roteiros para reflexão IX. 5. ed. São Paulo: Paulus: 2008.

CRB – Conferência dos Religiosos do Brasil. *O sonho do povo de Deus: as comunidades e o movimento apocalíptico*. São Paulo: Loyola, 1996.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001.

FERREIRA, Joel Antônio. *Paulo, Jesus e os marginalizados: Leitura conflitual do Novo Testamento*. Goiânia: Ed. Da UCG, Ed. América, 2009.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *Apocalipse de João: Esperança, Coragem e Alegria*. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. *Apocalipse de São João: A teimosia da fé dos pequenos*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MANNING, Brennan. *O impostor que vive em mim*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

PEREZ, Pe. Félix Carrondo. *Itinerário bíblico para ler e entender a Sagrada Escritura*. São Paulo: Loyola, 1998.

PESTANA, Álvaro César. *Sempre Me Perguntem! Respostas sólidas a questões teológicas difíceis*. São Paulo: Editora Vida Cristã, 2003.

PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

TUÑÍ, Josep-Oriol; ALEGRE, Xavier. *Escritos Joaninos e cartas católicas*. São Paulo: Ave-Maria, 1999.

* Recebido em: 08.06.2011.

Aprovado em: 23.06.2011.

** Doutorando em Ciências da Religião na PUC Goiás. Especialista em Diálogo Ecumênico e Inter-Religioso pela FAJE/ITESC. Graduado em Teologia pela CST e em Pedagogia pela UCB. *E-mail*: antlopes@senado.gov.br